

{ TRAFARIA PRAIA }

.....

PORTUGAL — VENEZA: RELAÇÕES HISTÓRICAS

Francisco Bethencourt

.....

AS RELAÇÕES ENTRE PORTUGAL E ITÁLIA FORAM DEFINIDAS PELO CRESCENTE COMÉRCIO MARÍTIMO ENTRE O MEDITERRÂNEO E O ATLÂNTICO NORTE DURANTE A IDADE MÉDIA. LISBOA FUNCIONOU, NESTE PERÍODO, COMO PORTO DE ESCALA, DADA A SUA POSIÇÃO NA FACHADA OCIDENTAL DA PENÍNSULA IBÉRICA. ENTRE OS SÉCULOS XII E XV, VENEZIANOS E GENOVESES CONTROLARAM DIVERSOS TERRITÓRIOS E FEITORIAS EM TODO O MEDITERRÂNEO, ESTENDENDO A SUA ACTIVIDADE AO MAR NEGRO ATÉ À CONQUISTA DE CONSTANTINOPLA PELO OTOMANOS EM 1453. O COMÉRCIO DE LUXO ASIÁTICO ERA UMA DAS BASES DA SUA RIQUEZA.

A importância económica de Portugal residia, fundamentalmente, na exportação de sal. O Norte da França, a Flandres e a Inglaterra tinham acesso aos cereais do Norte da Europa cobichados pela Europa do Sul, enquanto desenvolviam a metalurgia e os têxteis da lã. No século XVI, a população da Flandres era já 40% citadina, de longe a mais importante da Europa. Esta concentração urbana trazia consigo especialização de funções e mercados diversificados. Daí a Flandres, seguida da Inglaterra, se ter especializado no transporte marítimo, tendo começado a competir com venezianos e genoveses.

A experiência marítima dos italianos foi utilizada pelos reis portugueses para criar a sua frota militar: em 1316, o rei D. Dinis convidou, para almirante, o genovês Emanuele Pessagno, o qual trouxe consigo pilotos e marinheiros. A enorme expansão do comércio marítimo implicou inovações de construção naval protagonizadas pelos portugueses, sinal

da sua crescente autonomia, embora as viagens de exploração da costa de África tenham sido protagonizadas, em parte, por navegadores italianos, sobretudo Niccoloso da Recco, Alvise da Cadamosto e Antoniotto Usodimare. A presença de Cristoforo Colombo em Lisboa, no Funchal e na África Ocidental entre 1476 e 1485, bem como o facto de ter casado com a portuguesa Filipa Moniz, testemunha o enraizamento de uma comunidade genovesa secular em Portugal.

Entre 1496 e 1498, a viagem marítima de Lisboa à Índia capitaneada por Vasco da Gama rompeu o monopólio da distribuição das especiarias na Europa protagonizado pelos venezianos. O tráfico caravaneiro da Índia para o Mediterrâneo, através da Pérsia e do império Otomano até Alepo, na Síria, foi surpreendido pela abertura do tráfico marítimo. Esta crise produziu um enorme fluxo de informação entre Lisboa e Veneza, bem expresso nos diários de Marino Sanudo. Em todo o caso, Veneza conseguiu resistir ao primeiro embate dos carregamentos da pimenta por via marítima, que significaram uma enorme quebra de preços deste produto.

Embora os mercadores e banqueiros genoveses tenham mantido uma presença importante em Espanha e em Portugal até aos anos de 1630, contribuindo para o desenvolvimento da economia do Atlântico, os venezianos nunca deixaram de ter os seus agentes em Lisboa. A colónia italiana em Lisboa era tão importante no século XVI que construiu a igreja de Nossa Senhora do Loreto. Entre os banqueiros dos reis D. João III e D. Sebastião conta-se Luca Giraldi, um florentino que ascendeu a cavaleiro da casa real, obteve carta de fidalgo em 1551 e brasão de armas em 1557. Giraldi comprou a capitania de Ilhéus no Brasil, em 1560, e foi um dos principais contratadores das viagens para a Índia nos anos de 1570.

As relações de Portugal com a Itália foram, igualmente, marcadas pela supremacia espiritual do Papa, fundamental para o reconhecimento do reino. Embora, nesse período de fundação do país, a corte portuguesa tenha estabelecido relações privilegiadas com as restantes cortes da Península Ibérica, a mulher do primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, foi D. Mafalda de Sabóia. Roma gerou laços diplomáticos regulares, visitas de dignitários da Igreja portuguesa, núncios papais e uma circulação significativa de religiosos nos dois sentidos.

É desse período o único papa de origem portuguesa, João XXI, eleito em 1276, e médico do Papa Gregório X, que o nomeou cardeal de Frascati. Outra figura significativa foi Frei Gomes Ferreira da Silva, beneditino ordenado em Pádua, onde estudava, em 1413,

o qual entrou para a Badia Fiorentina em 1415 e foi eleito abade em 1419. Exerceu, durante 40 anos, uma enorme actividade como agente dos reis portugueses junto da corte papal, promovendo a ida a Portugal de pintores italianos e acolhendo pintores portugueses em Florença.

O filho do infante D. Pedro, cardeal D. Jaime, viveu os últimos anos em Florença, ali morrendo em 1459. A capela-memorial construída na igreja de San Miniato al Monte, entre 1460 e 1466, é um testemunho precioso da arte do Renascimento. Foi desenhada por Antonio Manetti e Giovanni Rossellino e decorada por Alesso Baldovinetti, Antonio e Piero da Pollaiuolo e Luca della Robbia. D. Miguel da Silva, bispo de Viseu e cardeal, a quem Baldassare Castiglione dedicou *Il Cortegiano* (1513 – 1524), desempenhou um papel fundamental como mediador artístico e literário até à ruptura de relações com o rei D. João III.

A troca artística entre Portugal e Itália estendeu-se ao longo dos séculos, desde a presença de Álvaro Pires de Évora na Toscana, entre os anos 1310 a 1330, ao papel desempenhado por Alfredo de Andrade como pintor, arquitecto e restaurador em Génova entre os anos de 1860 a 1910. A figura mais conhecida desse intercâmbio foi, porém, Francisco de Holanda, que beneficiou da sua participação no círculo neo-platónico de Vittoria Colonna e Michelangelo quando estudou em Roma entre 1538 e 1547.

O impacto do Renascimento italiano em Portugal foi mediado por artistas franceses, flamengos e castelhanos, embora as inovações de arquitectura militar tenham sido introduzidas por Benedetto da Ravenna. Este foi um engenheiro imperial veterano das campanhas do Mediterrâneo oriental que desenhou o castelo de Vila Viçosa e a Fortaleza de Mazagão segundo as novas concepções de muralhas baixas e inclinadas, protegidas por baluartes posicionados para fogo cruzado. Esta modernização foi, imediatamente, introduzida nas fortalezas portuguesas da Índia, onde mais tarde trabalhou Giovanni Battista Cairati, como engenheiro-mor. Em Portugal, destaca-se a intervenção de Filippo Terzi nos anos de 1580 e 1590. Tal verificou-se na arquitectura militar (forte de São Filipe em Setúbal e forte da ilha do Pessegueiro), mas também na arquitectura religiosa (reconstrução do convento de Cristo, em Tomar, e do mosteiro de São Vicente de Fora, em Lisboa) e na arquitectura civil (Torreão do Terreiro do Paço, em Lisboa).

A Guerra da Restauração (1640-68) não favoreceu as relações artísticas entre Portugal e a Itália. Contudo, estas renovaram-se ao longo do século XVIII, nomeadamente através da extraordinária capela barroca de São João Baptista da Igreja de São Roque, em Lisboa, projectada por Nicola Salvi e Luigi Vanvitelli, com intervenção de Johann Friedrich

Ludwig e instalada em 1749. O trabalho de Niccolò Nasoni no Porto e no Norte de Portugal, entre 1725 e 1773, é o mais importante deste período. Destacam-se, de um vasto complexo de projectos, as obras na catedral, o palácio episcopal, a igreja de São Pedro dos Clérigos (um dos melhores exemplos da arquitectura barroca em Portugal), o Palácio de São João, o Palácio do Freixo e a Quinta da Prelada.

O estilo neo-clássico, introduzido em Portugal no período do Marquês de Pombal (1750-1777), foi desenvolvido nas últimas décadas do século XVIII e início do século XIX por Francesco Saverio Fabri. Este deixou uma série de obras em Faro (arco da vila, igreja da Misericórdia e seminário episcopal) antes de intervir no projecto do Palácio da Ajuda e na construção do Palácio Foz, ambos em Lisboa. Um século mais tarde, outro italiano deixou trabalho significativo de projecção do neo-manuelino. Luigi Manini, cenógrafo, decorador, pintor e arquitecto, trabalhou em Portugal entre 1879 e 1913, tendo estado envolvido na cenografia e decoração de teatros, nomeadamente São Carlos e São Luís, em Lisboa, bem como no restauro do mosteiro dos Jerónimos e na decoração do Museu Militar, também em Lisboa. As suas obras mais importantes são o Palácio do Buçaco, o Palácio Castro Guimarães, em Cascais, e a Quinta da Regaleira, em Sintra. Esta última é o caso mais extraordinário de ligação entre cenografia e arquitectura, marcada pela visão do mundo rosa-cruciana e maçónica, projectada na arquitectura paisagista (jardim ordenado/natureza selvagem) e na arquitectura simbólica (poço iniciático, patamar dos deuses, torre e labirinto).

A literatura foi outro domínio privilegiado nas relações entre Portugal e Itália, dada a troca de diplomatas e a presença de portugueses nas universidades italianas, sobretudo nas últimas décadas do século XV e no século XVI. A circulação dos textos de Dante, Petrarca ou Boccaccio está atestada desde cedo, assim como de textos políticos e jurídicos de Egidio Colonna, Bartolo da Sassoferrato e Baldo degli Ubaldi. O livro do veneziano Marco Polo exerceu um enorme fascínio em Portugal no século XV. É com ele que a expansão portuguesa se confronta, dada a extraordinária amplitude de itinerários descritos, que percorrem, praticamente, toda a Ásia. Matteo Pisano e Giusto Baldino foram convidados por D. Afonso V a escrever crónicas da gesta portuguesa em latim, enquanto o humanista Cataldo Siculo veio para Portugal como mestre de latim de D. Jorge, duque de Aveiro, filho ilegítimo do rei D. João II, publicando as *Epistolae et orationes*, já em Lisboa, em 1500-13.

A viagem a Itália de Sá de Miranda, em 1521-26, durante a qual conheceu Vittoria Colonna, Pietro Bembo, Jacopo Sannazaro e Ludovico Ariosto, foi decisiva para a

introdução da métrica italiana. O impacto na poesia foi prolongado no teatro; as suas peças *Estrangeiros* (1559) e *Vilhalpandos* (1560) estabeleceram uma ruptura com Gil Vicente. Damião de Góis, por sua vez, estudou em Pádua, entre 1534 e 1538, e aí conheceu Pietro Bembo e Lazzaro Buonamico. Amigo de Erasmo, que o hospedou em Basileia, na Suíça, durante vários meses em 1534, conheceu os reformistas Lutero e Melanchthon nas suas viagens pela Europa central. Teve um papel fundamental na divulgação dos descobrimentos portugueses, no conhecimento da Etiópia e na redacção das crónicas do Príncipe D. João e de D. Manuel I.

Muitos outros portugueses desempenharam um papel significativo nas relações literárias entre Portugal e Itália. Aquiles Estaço conheceu enorme projecção em Roma, onde deixou numerosa obra impressa em latim. Já Luís Vaz de Camões não só acolheu a lição italiana na sua extraordinária obra, como conheceu uma influência universal, com traduções em numerosas línguas, sobretudo da épica mas também da lírica. Os séculos XV e XVI são decisivos neste domínio, dada a projecção do Renascimento italiano, mas o século XVII ainda regista uma ligação efectiva entre Portugal e Itália, sobretudo através do Padre António Vieira. Este recorreu a Roma para se colocar ao abrigo da Inquisição portuguesa, tendo conhecido um enorme sucesso junto da corte papal e da corte de Cristina da Suécia.

A análise das relações políticas, tradicionalmente centrada na ligação com o Papado, está ainda por desenvolver no que respeita a Turim, Nápoles e Veneza. O acolhimento em Portugal, entre 1815 e 1861, de liberais italianos exilados após a queda de Napoleão é relativamente conhecido, bem como a participação decisiva do corpo expedicionário italiano, comandado por Borso de Carminati, na batalha do Porto contra os Miguelistas após o desembarque das tropas do futuro rei D. Pedro no Mindelo, em 1832. As associações estreitas do Portugal corporativo de António Oliveira Salazar com a Itália fascista de Benito Mussolini são bem conhecidas, mas as articulações com a Carbonária, tão importantes antes e durante a I República, em inícios do século XX, precisam ainda de ser estudadas.

Veneza desempenhou um papel importante em todas estas relações históricas, pois foi a porta entre a Europa latina e a Europa ortodoxa, a Europa cristã e o Império Otomano. Tal circunstância foi sublinhada pela sua condição de império marítimo no Mediterrâneo Oriental até ao século XVII. Foi através de Veneza que os portugueses se dirigiram à Terra Santa. Foi ali que fizeram escala na sua passagem à Ásia por via terrestre. Foi na universidade de Pádua que muitos portugueses estudaram. Foi em Murano que outros

aprenderam a arte do vidro, da qual os venezianos foram os maiores especialistas, exportando para toda a Europa e para a Ásia, inclusivamente fornecendo os candeeiros para as mesquitas otomanas. Foi em Veneza que portugueses aprenderam a arte do comércio, pois ali se concentrou o mercado das melhores peles, sedas, especiarias e pedras preciosas. Os portugueses aprenderam a arte da impressão também em Veneza, o maior centro europeu do final do século XV e do século XVI neste domínio. Foi ali, finalmente, que cristãos novos encontraram puderam voltar a ser judeus, restaurando a sua fé e contribuindo para a criação de uma vibrante comunidade com ligações em todo o mundo.

Veneza é o lugar certo para Joana Vasconcelos mostrar a sua arte. É o local dos candeeiros de cristal, espelhos, vidros, missangas, sapatos de salto alto, peles, plumas, moda, exibição cortesã e asserção feminina antes da emancipação. Estes elementos e estilos estão no centro da arte de Vasconcelos, que funciona num duplo registo de provocação e memória, recuperação de imagens consagradas e iconoclastia, reutilização de materiais e transformação de funções. Esta criatividade intensa de formas deslocadas e desproporcionadas radica-se no melhor que a história tem para oferecer como objecto de reflexão, ao mesmo tempo que se liberta dessa mesma história.

Bibliografia

- DESWARTE, Sylvie, *Ideias e Imagens em Portugal na Época dos Descobrimentos: Francisco de Holanda e a Teoria da Arte*, Lisboa: Difel, 1982
- DESWARTE, Sylvie, *Il Perfetto Cortegiano: D. Miguel da Silva*, Roma: Bulzoni, 1989
- FEDERZONI, Luigi (coord.), *Relazioni Storiche fra l'Italia e il Portogallo: Memorie e Documenti*, Roma: Reale Accademia d'Italia, 1940
- MARTINS, José V. de Pina, *Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal: Les Deux Regards de Janus*, Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 1989
- MATA, Eugénia e Nuno Valério, *The Concise Economic History of Portugal: A Comprehensive Guide*, Coimbra: Almedina, 2010
- MOREIRA, Rafael (coord.), *A Arquitectura Militar na Expansão Portuguesa*, Porto: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1994
- OLIVEIRA, Julieta Teixeira Marques de, *Fontes Documentais de Veneza Referentes a Portugal*, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997
- OLIVEIRA, Julieta Teixeira Marques de, *Veneza e Portugal no Século XVI: Subsídios para a Sua História*, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000
- PEREIRA, Paulo (dir.), *História da Arte Portuguesa*, Lisboa: Temas e Debates, 1995
- TOVAR, Conde de, *Portugal e Veneza na Idade Média: Até 1495*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1933